Quebrar barreiras, construir pontes – a joalharia de Ana Caldas

Breaking barriers, building bridges – the jewellery of Ana Caldas

Franklin Pereira

(Portugal)

Palavras-chave: joalharia, arte contemporânea, prata, legado patrimonial.

Key words: jewellery, contemporary art, silver, heritage.

Vinte anos atrás, enquanto jovem estudante do curso de joalharia na Escola de Arte e Comunicação Visual (AR.CO) em Lisboa, Ana Caldas realizou uma série de pesquisas e estudos sobre a Pop Art, culminando nalgumas jóias experimentais, empregando materiais de desperdício (papel de jornal, revistas, latas de Coca-Cola).
Algumas dessas peças reportaram-se ao conceito de "body jewellery", design de peças supondo uma relação com o corpo e uma encenação coreográfica. Recebeu na altura um prémio da "Refrige" - representante da Coca-Cola em Portugal - pela pesquisa e originalidade artística, relativas à utilização e transformação das latas em ornamento corporal.
Mais tarde realizou um estágio no estrangeiro e participou em diversos workshops.
Foi desenvolvendo outras peças – anéis em latão, cobre e prata, colares em pasta Fimo, "bead jewellery", couro, ráfia - sempre em busca da sua própria identidade artística como Joalheira, dando forma material aos seus sonhos e desejos.
A revisitação deste longo período foca em especial os últimos três anos de abundante criação e execução de Joalharia: peças em prata (caixas-relicários, pendentes, brincos, colares, anéis, braceletes), utilizando pedras semipreciosas, unindo a herança cultural muçulmana ibérica - visual e poética – a demandas do espiritual, com uma estadia na Índia enquanto bolseira da Fundação Oriente, em 2008. Mais do que ornamento corporal, a jóia retoma ligações ao simbólico e ao imaginário, religando o corpo ornamentado à expressão universal de Beleza e Paz.

Twenty years ago, while studying in the Jewellery department at Lisbon's AR.CO, Ana Caldas made several studies on Pop Art, ending in experimental jewels, recycling newspaper, magazines and Coca-Cola tin.
Several of these pieces were part of body jewellery concept, uniting design with choreography and the body. By then she received a award by "Refrige" - the Coca-Cola in Portugal - due to her research and artistic originality in using and transforming Coca-Cola tin as body ornament.
Later on, Ana Caldas had a working stay abroad, and was present at several workshops.
Other pieces - rings in copper, brass and silver, necklaces in Fimo paste, "bead jewellery", leather - were developed, always in search of an individual artistic identity as a jewellery maker, giving shape to dreams and desires.
Reviewing this long period of time, the presentation will focus on Ana Caldas last three years of abundant creation and production: pieces in silver and semiprecious stones(boxes-reliquaries, pendants, earrings,

necklaces, rings, bracelets), uniting Iberian Muslim heritage – both visual and poetic – to researches of the spiritual in India with a scholarship given by Orient Foundation in 2008. Much more than body ornament, the jewel regains connections with symbols and imagination, re-uniting the ornamented body to the expression of Beauty and Peace.

Alguém disse que o primeiro encontro de uma criança com a arte se faz com os seus brinquedos. O mesmo se passou com Ana Caldas (Luanda, 1965): vista retrospectivamente, uma infância em Angola com tempo para a fruição e lazer entre matérias naturais – água, terra, pedras – e também com os materiais, já na adolescência em Portugal; nesses anos, enquanto estudante na Escola Secundária Soares dos Reis – ensino artístico –, fabricou bolsinhas com retalhos de tecidos. A opção por "Artes dos Tecidos" proporcionou os primeiros encontros com História da Arte, o manuseio de tecnologias e o desenho de observação e criação. As horas livres em bibliotecas e tertúlias poéticas espontâneas acrescentaram ao seu imaginário outras possibilidades e desejos.

Escola terminada, seguiram-se alguns meses no CINDOR, Centro para a formação de ourives e joalheiros, em Gondomar, trocado pelo Curso de Joalharia no Ar.Co/ Centro de Arte e Comunicação, em Lisboa, entre 1989 e 1991. São desse período de estudante – diversidade de técnicas e de experiências – os exercícios de relevado/repuxado (imagem 1), união de várias lâminas de metal, em forma de bloco laminado, denomina-se "mokume gane"; outra técnica consiste em obter fios torcidos e depois laminados (imagem 2, 2 A), sistemas de fecho e de encaixe (imagem 3, 3 A), escultura/construção de anel tridimensional (imagem 4,4 A,4 B,4 C,4 D,4 E), forja (imagem 4 F), união de materiais (prata e acrílico) (imagem 5), polimento e solda.

Imagem 1

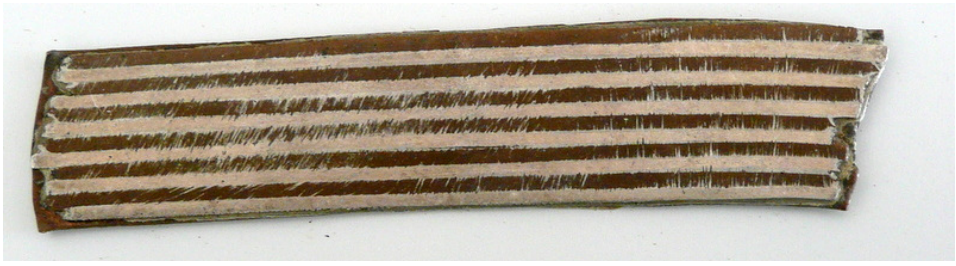

Imagem 2

Imagem 2 A

Imagem 3

Imagem 3A

Imagem 4

Imagem 4 A

Imagem 4B

Imagem 4C

Imagem 4D

Imagem 4 E

Imagem 4F

Imagem 5

A elaboração de braceletes com arame, corda, ráfia e recortes de papel (imagem 6, 6 A), ou o alfinete com madeira (moldura) (imagem 6B) datam também desse intenso período de estudante; remetem a outras áreas: a Pop Arte e a "arte povera"/arte pobre; trata-se do uso de materiais da cultura de massas, mudando a sua função e carácter.

Imagem 6

Imagem 6 A

Imagem 6B

No mesmo sentido, mas extra-aulas, Ana Caldas realizou um bikini, colar e alfinete, usando latas de Coca-Cola (imagem 7, 7 A, 7 B, 7 C), peças que lhe valeram um prémio da Refrige, representante dessa marca em Portugal, pela originalidade artística.

Imagem 7

Imagem 7 A

Imagem 7B

Imagem 7 C

O facto está documentado num artigo no semanário "Expresso", de 27 de Julho de 1991 (imagem 8, 8 A).

a Revista
cultura

Tendências de Verão

Jovens e menos jovens, desconhecidos (poucos), conhecidos e «consagrados» estão no Forum Picoas a mostrar o que valem. Durante sete dias que se pretendem «intensos», um projecto do Clube Português de Artes e Ideias, apoiado pela Secretaria de Estado da Juventude, apresenta exposições (de pintura, escultura, instalação, design, BD, arquitectura, fotografia, ilustração, moda e jóias) e espectáculos (dança, cinema, música e vídeo). Em pleno Verão propõe-se o desafio

Isabel Carlos

A FIM VÃO as provas nuas e cruas: dezassete áreas, que vão da arquitectura à pintura, passando por moda, «design» gráfico e de equipamento, banda desenhada, escultura, fotografia — a enumeração tem de ser exaustiva, a identificação e o processo legal assim o exigem —, ilustração, instalação, estilismo, joalharia, teatro, música (moderna e clássica), dança, vídeo, literatura, cinema. Mais de uma centena de artistas representados, que ocupam os 2000 metros quadrados do Espaço Aberto do Forum Picoas, bem como os auditórios e os arredores... que neste caso se estendem ao painel publicitário, ou seja, ao «spectacolor» instalado no topo de um prédio vizinho.

A organização cabe a um clube que não ocupa uma sórdida e bafienta cave mas um andar luminoso com «vista» no centro da cidade. O «chefe», num gesto de autoculpabilização notável, afirma, no texto de abertura do catálogo: **«São responsáveis pelo crime: um grupo de gente de vinte e poucos anos que gosta destas coisas. Cúmplice: o departamento governamental para a juventude, que sabe dialogar e trabalhar com as associações»**. Quem escreve assim é um jovem advogado — «et pour cause» — especializado em gestão das artes e presidente do Clube Português de Artes e Ideias: Jorge Barreto Xavier, um dos principais «responsáveis» por isto tudo.

Levando mais longe a metáfora jurídica, atentemos nos detalhes do processo: cada área foi constituída a partir da escolha de um comissário, que, com total autonomia, sugeriu os nomes a ser representados e que, em texto de catálogo, com mais ou menos desenvolvimento, justifica as opções e avança balanços sobre o momento presente de cada área de criação artística. Os nomes vão desde Agustina Bessa-Luís (Literatura) até Miguel Abreu (Teatro), passando por José Luís Porfírio (Pintura), João Lisboa e Paulo Ferreira de Castro (Música), para ficar pela prata (aqui) da casa... O que lhes foi pedido foi a escolha de três a cinco artistas jovens, portugueses, que exprimissem formas inovadoras de criação, ou cujas obras já tivessem obtido reconhecidos méritos.

Ou seja, a conjugação de uma obra de qualidade com o ser-se jovem foi uma das apostas destas «Tendências» — e vale a pena lembrar que as duas mostras organizadas pelo Clube artística portuguesa (com esse perigo redutor fazer previsões em terreno tão maleável). Ora tramos nesta selecção é o convívio de nomes já — como o caso da escultura (comissariada Castro Caldas), com Rui Sanches e José Pe instalação (comissário: João Pinharanda), com ça e Pedro Portugal, ou da moda (comissária: com Manuel Alves e Mário Matos Ribeiro/E dança, para ficarmos pelos mais paradigmático com nomes que, apesar de possuírem já um qualidade, não atingiram, no entanto, a mesm de»: Miguel Ângelo Rocha, João Jacinto (Pintu Carvalho, Sérgio Mah, João Tabarra (Fotogra Miguel Dias, Maria Manuel Cruz e Maria S (Arquitectura), entre muitos outros (**ver Caix**

Para além da questão do critério de esc comissário, há um estado de coisas que passa que hoje a dificuldade não está em ser-se «desc a primeira exposição individual ou ter audi Passa antes pelo facto de se haver apresentado t presença continuadas que permitam uma real zação dos quadros artísticos. O que, por sua v com a questão da ausência «geral» de uma estra global.

Neste sentido, não deixa de ser interessante cias» seja o único grande programa de artistas contemporâneos — e com um leque de áreas ti do — que o Estado apoiou quase integralment apoio das empresas privadas ficou-se pelos de Assim, 24 mil contos foi o valor que a Secreta da Juventude concedeu, num processo que Xavier não hesita em apelidar de **«exemplo lou** a boa vontade e a não interferência por parte d mo; a Secretaria de Estado da Cultura, por apoiou...

«É possível viver da cultura», eis um dos le Português de Artes e Ideias, que afirma ser um equipas profissionais a trabalhar a tempo inteir e na divulgação artística em Portugal.

Existem desde 1986 e defendem um trabalho

4 JULHO DE 1991 44 R

Imagem 8

Imagem 8 A

Durante um workshop, em Agosto de 1990, na Suíça, em Braunwald, Ana Caldas realizou o alfinete (Imagem 8B) com o nome "Crocofante", metade crocodilo, metade elefante, uma experiência lúdica com utilização de acrílicos coloridos, prata e cobre.

Imagem 8B

Após ter concluído o Curso de Joalharia no Ar.Co seguiu-se um estágio de 3 meses na Holanda, no atelier de Jos Pepperkamp, onde prosseguiu os estudos, próximo desse profissional da joalharia de autor.

Seguiram-se alguns anos de trabalho com um joalheiro, na produção artesanal de brincos e pendentes, recorrendo ao uso de moldes para a técnica da "cera perdida", e a gestão comercial da produção em feiras (FIL, Feira de Artesanato de Vila do Conde Feira do Porto). Fez um interregno na Joalharia que durou até 2002 onde, durante o trabalho diário em recursos humanos numa empresa, investiu nalguns cursos pontuais pós-laborais de "bead jewellery"/joalharia com missangas, contas, pedras artificiais – uma área que, apesar do uso de materiais menos nobres, exige paciência, capacidades manuais na elaboração de anéis, brincos e colares. A "bead jwellery" conta com revistas especializadas, publicadas nos EUA.

Seguiram-se experiências com a pasta colorida Fimo, com contas (imagem 9, 9A).e aplicações em prata noutros materiais (imagem 9B).

Imagem 9

Imagem 9 A

Imagem 9 B

De novo, trata-se de material não-nobre, mas que não deixa de requerer pensamento e estética. Tome-se em atenção que, na História da Humanidade, a joalharia como ornamento corporal se iniciou por matérias correntes como pedras, conchas, penas, ossos, sementes, etc. – materiais mais ou menos acessíveis, mas imbuídos de importância, poder e ritual dados pela sociedade que os criou, estabelecendo uma pertença e uma posição social.

Outras experiências, ainda em "stand-by", requereram o uso do couro como material de suporte e manuseio estético (imagem 10, 10A, 10B, 10C), remetendo para África, e que, um dia, sairão da prateleira e se tornarão públicas.

Imagem 10

Imagem 10A

Imagem 10B

Imagem 10C

Passamos agora ao trabalho actual – desde 2004 -, realizando uma entrevista a Ana Caldas.

A DESIGNER/PRODUTORA EM DISCURSO DIRECTO

A Joalharia tem abandonado os motivos tradicionais e – em particular nos novos designers – abraçou novas estéticas e inclui até outros materiais menos nobres; como vês estas alterações que se manifestam nos últimos 20 anos?

É nas correntes estéticas contemporâneas, na moda e nos conceitos voláteis, que esses criadores se têm manifestado e ganho relevo nacional e internacional; a joalharia, ao abandonar a estética tradicional – popular ou de elite – e, ao abraçar outros materiais da cultura urbana-industrial, fez-se incluir, com direito próprio, nas artes do final do século XX e, tal como estas, rompeu com a tradição.

A identidade passou a ser a do indivíduo criador, a modernidade passou a ser a novidade, a originalidade passou a ser o que ainda não foi experimentado, e a mensagem vive mais de evocações. Nas minhas criações interessa-me definir a Joalharia enquanto veículo que assume contornos de expressão pessoal e, ao mesmo tempo, uma arte que não abdica das suas correntes estéticas tradicionais, que estão ligadas ao seu significado e simbologia ancestral.

Vemos que a tua joalharia se apoia na recriação de elementos antigos, derivados da investigação da História e artes passadas; especificamente, onde te vais inspirar para as tuas criações?

São múltiplos os aspectos da minha Joalharia que tomaram um rumo na pesquisa e estudo da História, e, em particular, no património artístico e cultural ibérico; o esplendor do al-Andalus, com a presença do Islão, do Judaísmo e do Cristianismo, levou-me a considerar o espaço transfronteiriço das artes mediterrânicas, e a riqueza da abundante criação da Índia, que também imana da fusão hindu-muçulmana.

Para muitos, a arte islâmica é conhecida pelos arabescos e geometria, mas mostras outros elementos figurativos ou estilizados, que remetem para a arte islâmica mais antiga, ou para culturas anteriores. Que artefactos sobreviveram aos séculos para o teu estudo?

Muitos dos desenhos que utilizo no meu trabalho encontram-se em peças de cerâmica, madeira, metal, têxteis, arquitectura. Muitos elementos - flores, folhas, Árvore da Vida, pássaros -, são pesquisados, estudados e recriados por mim.

Algumas das minhas peças, em que recorro à arquitectura, recriando elementos florais e geométricos, reforçam um encantamento genuíno pela memória e o passado.

Este património herdado torna-se legível a partir da sua recriação, isto é, na transformação das linhas-base da identidade cultural, em propostas novas, actuais, e, portanto, contemporâneas.

Muitas das tuas peças têm títulos como "A brisa arrastou o meu coração" (imagem 11), "O orvalho apaixonado visita as pétalas da rosa" (imagem 12), "O legado dos pássaros nos meus sonhos" (imagem 13), "Abençoados os enamorados" (imagem 14), Quando os céus se turvam de azul" (imagem 15), Invisível a meus olhos, trago-te sempre no meu coração" (imagem 16), "Sigo orgulhosa o meu caminho" (imagem 17), ou "Os seus brincos se agitam nas perfumadas mãos da brisa" (imagem 18), Dir-se-ia frases poéticas. É, de facto, uma inspiração na poesia?

Imagem 11

Imagem 12

Imagem 13

Imagem 14

Imagem 15

Imagem 16

Imagem 17

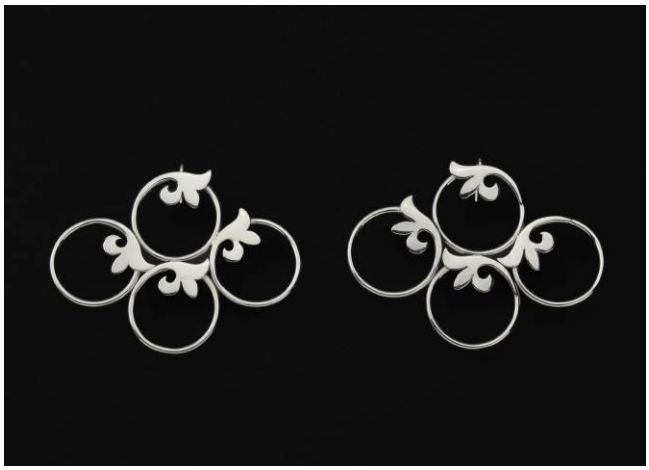

Imagem 18

Entre as fontes de inspiração que me são preciosas, um lugar especial está preenchido pelo legado poético que ficou nas terras do sul ibérico. Recorro à poesia para a denominação das minhas jóias, como se um verso contivesse a emanação imaterial do que construo e do que partilho.

A dignidade e valor das artes do livro – e da palavra escrita – inspiraram-me também para a criação de colares e colares/caixas-relicário, com carácter talismânico, contendo um poema, em si mesmo uma jóia e um legado literário.

Referiste a Índia como fonte de inspiração; longe do Mediterrâneo, como é que esse país se integra nos teus interesses e tem a ver como a tua joalharia?

A Índia, com o seu mosaico e fusão étnica, em particular a presença do Islão e o Hinduísmo, oferece pontes de contacto com o legado muçulmano na Península Ibérica. O Islão estabelece-se na Índia a partir do século XII e atingiu o seu expoente máximo sob a Dinastia Mogol (1526-1707), dando origem à cultura hindu-muçulmana. Neste extenso império Mogol, onde se salienta o reinado de Akbar, havia uma visão político-religiosa progressista enfatizada também nas Artes: Joalharia, arquitectura, literatura, poesia e música receberam um forte impulso do governo; daí que estes largos decénios sejam vistos como uma época de ouro da Índia.

Observei, como bolseira da Fundação Oriente, em 2008, o trabalho no espaço oficinal e a ligação religiosa com a joalharia; esta observação possibilitou-me relacionar os valores simbólicos e espirituais deste mosaico de culturas com a minha fonte de inspiração. Esta viagem de estudo abriu caminhos e construiu pontes na minha criação, ampliando o meu conceito de beleza e o interesse no contexto histórico, técnico e artístico da arte da Joalharia da Índia.

Para a generalidade das pessoas, mesmo aquelas com estudos académicos, não se imagina tantas trocas culturais na Idade Média, nem algo como fusão de culturas ou interculturalismo. No caso da Península Ibérica, pensa-se no Islão como inimigo da civilização anterior, de emanação latina, ou romana e visigótica. O facto de se ver o acanto estilizado num pendente teu, denominado "Madinat al-Zahra" (imagem 19), parecerá anacrónico para muitos… e nem se pensará em termos de fusão cultural ou continuidades que se mantiveram para lá da Reconquista. Como vês isto tudo?

Imagem 19

A bacia do mar Mediterrâneo proporcionou, desde a época pré-islâmica e, sobretudo, islâmica (desde o século VII), uma contínua migração de modelos, ciências, ideias, cultura e comércio "de lá para cá", do Oriente para o Ocidente. O estabelecimento do domínio muçulmano na Península Ibérica permitiu a mais fácil chegada do acervo cultural das grandes civilizações médio-orientais, conquistadas para o Islão poucos decénios antes. A nova unidade político-religiosa absorveu os conhecimentos das novas terras, trazendo artes em diversos suportes, transaccionados nas rotas terrestres e marítimas do Mediterrâneo; a absorção inicial da cultura greco-latina ajudou a estabelecer uma arte de fusão, tornando o sul peninsular um foco de irradiação cultural na Idade Média, sendo Córdova a capital e o seu centro. Mais tarde, outras cidades peninsulares – como Toledo, Sevilha, Granada, Lisboa, Silves, Mértola – continuaram a disseminar as artes, modos de estar, filosofia e poesia.

Uma das peças (imagem 20) é um enorme colar em seda, com três pedras verde-azuladas – labradorites – nos medalhões de brocado. Dir-se-ia que a mulher que o usasse viria de alguma cerimónia ou sessão colectiva da antiguidade, relembrando cultos com fogueiras, lua cheia e Natureza abundante. É esse ambiente que pretendes criar e relembrar?

Imagem 20

Nas culturas antigas muitos rituais estavam nas mãos das Mulheres; a par dos Deuses também as Deusas faziam parte do panteão das crenças, muitas vezes habitando árvores, rios e fontes; responsáveis pelo cultivo dos campos, das artes têxteis e da preparação dos alimentos; eram as protectoras dos templos e das casas.

Este Colar, na sua forma e materiais, evoca essas divindades e a importância vital do princípio feminino; é um incentivo para se restabelecer a ordem natural e social; é vital que cesse a destruição da Natureza e a violência masculina contra as mulheres. Conscientes do seu valor e da sua força, as mulheres de todos os lugares e crenças deverão sair dos seus esconderijos e projectar a sua luz e o seu amor para apaziguar e iluminar a Terra.

Outra peça tua está fabricada em couro, com partes de prata (imagem 21). Como te ocorreu tal caixa, com aspectos tão salientes da arquitectura?

Imagem 21

Esta peça única foi inspirada na linhagem dos Morábitos existentes em Portugal, Espanha, todo o norte de África, Médio Oriente e até na Índia. A palavra Morábito deriva do árabe morabit, que designa ermitão. A pequena construção, de forma geralmente cúbica (embora por vezes possa assumir uma planta redonda, octogonal ou hexagonal, mas sempre centralizada), tem uma cobertura em meia-esfera, muitas vezes designada por cuba (Kuba).

Compreender estes Morábitos no contexto do al-Andalus foi um dos meus caminhos para a materialização desta peça.

Na tampa arredondada em couro moldado está, em prata, um polígono estrelado de doze pontas sob o qual se ergue um Morábito; sob a porta de entrada principal do Morábito encontra-se o primeiro verso, em árabe, de um poema de Ibn al-Arabi (Múrcia, 1165-Damasco,1240) e sob a outra porta está a sua tradução: "O meu coração está aberto a todas as formas". A caixa em couro funciona como se de um relicário se tratasse, cujas aplicações em prata se inspiram na arquitectura islâmica.

Outra peça tua, um alfinete de peito denomina-se "Em nome do Amor" (imagem 22), e apresenta circuitos de computador junto com a prata. Outro alfinete é outra versão, também com circuitos electrónicos e com o mesmo nome (imagem 22A). Como te surgiu tal inspiração, e porque foi realizada essa peça?

Este ano de 2010 fui seleccionada para participar no projecto I CARE A LOT que integra uma exposição internacional colectiva e itinerante cujo tema é os conflitos no Médio Oriente.

A inauguração deste projecto com exibição das peças seleccionadas já teve lugar na Universidade de Idar-Orbestein, Alemanha, integrado no Simpósio anual de Joalharia; seguiu-se a inauguração na Galeria Platina, em Stockholm, Suécia, depois Portugal, (em Novembro, em Lisboa), EUA e Israel.

Nas minhas pesquisas vou reflectindo sobre a causa dos conflitos no Mundo, sobre a crescente desvalorização da História e da memória do passado.

Um ponto inicial de inspiração desta peça foi o conflito Israel-Palestina: num mesmo território estimado pelas três religiões monoteístas há violência e falta do Sagrado, tantas vezes esquecido e profanado em nome de Deus. Além deste foco, o Médio Oriente tem outros conflitos, que não demonstram importância alguma perante o legado artístico, poético e espiritual das civilizações passadas, e perante a importância de tudo isto para a Humanidade como um todo.

Note-se que o conflito em que israelitas e palestinianos se enfrentam é um dos mais longos e, sem dúvida, aquele que mais se ouve no mundo, pelo menos no mundo que herdou a tradição bíblica através do Cristianismo, Judaísmo e Islão.

Acreditando no mesmo Deus, com uma diversidade na cultura, um vasto património, tantas línguas e simbolismo, tantas vias e tantas artes, é difícil acreditar que o mundo possa ter tal ímpeto crescente de violência e agressão. Deus existe? Eu escolhi o lado bom para criar a minha ideia de Humanidade e a minha participação como joalheira é fazer da diversidade cultural a minha Torre de Babel.

Imagem 22

Imagem 22A

A inclusão de circuitos numa forma octogonal foi realizada com que intenção?

A forma octogonal foi inspirada na planta da Cúpula do Rochedo, em Jerusalém, e é também uma metáfora de uma multi-cultura, e a sacralização de um território pelas três religiões do Livro. A gravação da prata com o poema "O meu coração está aberto a todas as formas", de Ibn al-Arabi – um poeta Sufi nascido no al-Andalus no séc. XII, e com o seu túmulo em Damasco –, é uma evocação da qualidade abarcadora do Amor, que não nega caminhos; é como uma pedra preciosa, que é relembrado pela incrustação da pedra semi-preciosa no octógono. Por outro lado, um dos octógonos representa a corrente, sempre a fluir, que acompanha a sociedade com conhecimento e mente aberta; por outro lado, no outro octógono, os circuitos electrónicos são como os diversos caminhos do ser humano, caminhos esses operativos num mundo cheio de tecnologia. Ao mesmo tempo, a tecnologia funciona como uma metáfora do movimento, de trocas, seja de conhecimento, viagens ou mudanças na geografia.

Neste mundo contemporâneo é urgente reflectir como vivermos juntos e partilhar valores e crenças, liberdade, respeito e amor, caso contrário a tecnologia aumentará a par do lucro, e a destruição, jogos de poder e domínio sobre o outro irão dominar.
Sem os valores da Religião do Amor, sempre fluindo – que eu represento pela pequena roda de prata com arabescos – todo o desenvolvimento tecnológico não tem alma. Esta peça é uma mensagem de simbiose entre dois mundos, não de costas, mas convergindo para um objectivo comum de Conhecimento e de multiplicidade de caminhos.
Interessa-me questionar a Joalharia nos seus aspectos metafóricos e emocionais: a experiência humana da ornamentação, compreender os elos de ligação cultural entre Ocidente e Oriente, a compreensão do "Outro", relacionar os valores simbólicos e espirituais da imensa variedade do nosso património artístico e cultural.
Deste modo, pretendo ampliar e comunicar através das minhas jóias a expressão pessoal da Universalidade do corpo ornamentado.

Nos últimos anos, temos assistido a uma espécie de "limpeza étnica" no que diz respeito ao ensino das manualidades: uns 15 anos atrás realizou-se a fusão entre Trabalhos Manuais e Educação Visual no 5º e 6º ano, com a formação da disciplina de Educação Visual e Tecnológica, com menos horas semanais e a eliminação quase completa do uso das ferramentas e matérias-primas; uns 6 anos atrás, a diminuição de horas semanais da disciplina de Educação Tecnológica, no 3º ciclo. Recentemente, as escolas secundárias que ofereciam cursos artísticos tiveram mudanças. O próprio Ar.Co teve uma diminuição do número de alunos nos cursos que exigem mais trabalho manual. Por outro lado, as indústrias da moda tornaram-se mais dominantes no impor de padrões e modelos, apoiadas no crescente império das importações Made in China ou Made in India. Como vês estas alterações?

Se por um lado me fascina o facto destas nações mais populosas do planeta estarem a sair do subdesenvolvimento, e de certa forma a erradicarem a pobreza, a fome ou o analfabetismo, por outro lado inquieta-me bastante a forma como esta transformação está a ser sentida por todo o Planeta.

Se pudéssemos ao menos antever aonde nos vai levar este desenfreado desenvolvimento e esta produção industrial em série, dominada pelas indústrias da moda, etc., seriamos de certeza confrontados com um cenário desastroso; certamente passaríamos a ser mais criteriosos nas nossas escolhas, mais autónomos, mais conscientes da importância das artes, dos saberes manuais, da construção de objectos com as nossas mãos e a riqueza proveniente desta paciência interior; talvez pudéssemos compreender melhor que o caminho do futuro será mais difícil e caro, se demorarmos mais tempo a agir e a reagir.
O reconhecimento além-fronteiras da importância das Artes e Ofícios como meio privilegiado da preservação dos valores de identidade cultural do País, assim como a dignificação do objecto de ornamento corporal artesanal e artístico face a este enquadramento actual industrializado, uniformizado e globalizado, reforçou a uma maior abertura da minha parte e a novos caminhos e a novas exigências.
A cultura, tal como a arte, é a expressão máxima da Humanidade, e a Criatividade fomenta a dignidade naquele que produz "obras" intelectualmente, e depois as executa com o fulgor das suas mãos. Deixo uma citação para reflexão de Lanza del Vasto: "A máquina escraviza, as mãos dão liberdade".

A série de colares/caixa-relicário (imagens 23 A a 23 C) e o colar/relicário (imagem 23 D) relembram não só a utilização de rosários pelas diferentes religiões, mas também os amuletos, com frases ou símbolos de esperança, bem-aventurança e bom augúrio. Estas ideias serviram-te de inspiração?
O uso destes colares/caixa-relicário encontra-se imbuído de fundamentos mágicos e ocultos, tal como no mundo antigo.
A utilização de colares/rosários vai beber à fonte sagrada do da longa tradição artística e iconográfica do Oriente. Estão carregados de conotações simbólicas e espirituais.
Na imagem 23 A, o colar/caixa-relicário tem gravado os nomes dos três ideais que desde o início da minha criação simbolizam a expressão superior do coração, da mente e do que quero invocar; são eles Beleza, Amor e Paz; gravados na prata, rodeados por três portas, representam as três religiões e estão ladeados por duas árvores de raiz ibérica.

Dois pássaros pousados são os guardiães destes valores universais. Estas caixas são os condensadores de metáforas dos espaços sagrados.

Na outra imagem 23 D, o colar/relicário tem gravado um "sura" do Corão - "Deus é Belo e ama a Beleza" -, um tributo à beleza, porque o que é belo é divino. Este "sura" é repetido várias vezes por todo o colar para reforçar a mensagem. A utilização da forma oval, como de um ovo se tratasse, simboliza o ovo primordial, a génese divina; as sementes sagradas hindus têm a intenção de aplicar os fundamentos da interculturalidade e neste aspecto interligam as duas civilizações, a hindu e a muçulmana, numa fusão alegórica ao florescimento artístico e espiritual da Índia, durante o reinado Mogol do Imperador Akbar.

Imagem 23

Imagem 23A

Imagem 23B

Imagem 23C

Imagem 23D

Os anéis, designados por "diwan" (imagens 24), onde acrescentas seda à prata, pretendem de algum modo ser a dimensão miniatura dos "diwan" mediterrânicos, espaços destinados à declamação de poesia, a recitais, leituras e fruição/lazer?

Os anéis, que só em 2010 realizei, absorveram espaços de fruição, contemplação amorosa e poética dos "diwans"; a literatura e poesia, música e a caligrafia evocam os lugares sagrados da palavra, da música face à audiência, em ambiente absorvente; são um lembrar da transmissão do conhecimento e do pensamento.

A chegada da cultura da seda ao Médio Oriente, e, mais tarde, ao al-Andalus, proporcionou a manufactura – muitas vezes sob controlo de governo, como o "tiraz" na época medieval - voltada para satisfazer as modas de ornamento pessoal e de decoração das paredes dos palácios; o toque atraente da seda, inspirou a sua utilização nestes anéis, onde a joalharia acrescenta mais delicadeza e poética.

Imagem 24

Imagem 24 A

Como te surgiu a criação das "Manufacturas do al-Andalus"? Vemos que as tuas fontes de inspiração e as tuas criações mais recentes de modo algum se limitam ao espaço ibérico, antes tens recebido motivos e ideais de outras civilizações passadas. Outra obra tua, de 2007 – "Onírico Feminino" (imagem 25) – é algo de estética completamente diferente, e que não encaixa explicitamente na tua linha dominante…

As "Manufacturas do al-Andalus" surgiram mentalmente em 2004, mas foi em 2002 que dei inicio a este grande arabesco onde me entrelacei num movimento ininterrupto, sagrado e contemplativo com as artes ibéricas e mediterrânicas.

Das primeiras viagens e passeios que fizemos ao sul ibérico – e graças à tua investigação sobre o couro, as artes ibéricas e o Islão -, nasciam intensamente formas e pensamentos. Primeiro pisámos as terras do Gharb: Lisboa, Évora e Mértola; mais tarde outras terras do al-Andalus: Saragoça, Sevilha e Córdova, depois Almonaster la Real na serra de Aracena, Granada e tantas outras.

Fascinaram-me em especial os monumentos islâmicos, a arquitectura esplendorosa e os restos fascinantes deste passado glorioso da península ibérica; emocionou-me tanto, que plantaram em mim própria uma semente de curiosidade sobre os feitos e as conquistas do mundo muçulmano nas artes.

Só em 2007, as "Manufacturas do al-Andalus" se alargaram e manifestaram junto com as fontes visuais, mentais e espirituais: a geometria, a Árvore da Vida, as flores, os pássaros, o pensamento, a poesia, … um Cântico à Vida e à Natureza.

Depois, o esplendor do al-Andalus com a presença do Islão, do Judaísmo e Cristianismo que, juntamente com a inspiração no vasto património artístico e cultural ibérico, me levou a recriar e a repensar o espaço transfronteiriço das artes mediterrânicas.

Mas, ao longo do meu trabalho, tem havido diversas propostas, que me têm levado a outras experiências, trabalhos e transformações.

Imagem 25

Por exemplo, esta peça "Onírico Feminino" realizada em 2007, sob o tema do feminismo e das mulheres, foi uma experiência muito enriquecedora.

Nesta peça recrio um Mar poetizado, com as suas águas agitadas e adormecidas, um Mar que é criado e recriado num ventre colectivo que carrega em si o gérmen da metáfora e do espírito, das viagens implícitas e trocas culturais.

Deste receptáculo, concha ou microcosmos, emerge a árvore primordial que alimenta a Vida abrindo os seus ramos para acolher o Amor e condensar em si intensidades, desejos, expressões, forças humanas e divinas.

Nas minhas peças também o feminino está muito presente, e é essencial continuar a aprofundar e a inspirar-me nas forças secretas e profundas da natureza feminina.

Este trabalho valeu-me um "Título de referência de Qualidade " na área do metal, durante a Exposição Certame/09, organizada pela Argo, Associação Artística de Gondomar.

Depois de estares 3 meses na Índia em 1998, em contactos com as artes e a joalharia, estiveste outra vez na Índia por um mês em 2004, e por 3 meses com Bolsa de Estudo para estudar joalharia em 2008. Em 2010, estiveste 15 dias em Istambul, Antioquia, Aleppo e uma grande volta pelas cidades mortas da Mesopotâmia e locais como Palmira ou San Simeon. Já não falo das viagens na Península Ibérica, em particular aquelas ao Alentejo e Andaluzia interior e rural, e não só às três cidades famosas do antigo al-Andalus. Em que termos as viagens te têm ajudado a conceber e imaginar o teu percurso artístico?

Estas viagens têm proporcionado um enriquecimento pessoal muito grande; a revelação maior é que, ao mesmo tempo sendo uma viagem interior, com perguntas e encantamentos, é uma peregrinação às fontes da minha inspiração; alargou-se a visão dos vários caminhos que pretendo para a minha Joalharia.

A experiência das fusões culturais e da disseminação do Conhecimento entre o Oriente e o Ocidente deram várias "épocas de ouro" a sociedades menos limitadas pela pertença a tal ou tal etnia, credo ou política. Num mundo conturbado, teremos a ganhar ao considerar os contributos do passado para uma arte, filosofia e ética do presente.

A interculturalidade é uma das fortes tendências da cultura actual e a joalharia não está alheia a ela. Se aceitarmos que a interculturalidade é a interacção de culturas, de uma forma respeitosa, horizontal e sinérgica, compreendemos que nenhum grupo cultural está por cima de nenhum outro e que embora sejamos todos diferentes, partilhamos todos da mesma condição humana.

BIBLIOGRAFIA

Caldas, Ana; Pereira, Franklin – Índia, 1980-2004: devaneios entre imagens. Actas das III Jornadas Internacionais "Vestígios do Passado". Porto: Agir, 2008, págs. 319-326.

Caldas, Ana – Leather, gold foil, semi-precious stones, silver: recriations in three-dimension artifacts. *Leather Artisan*. Mairangi Bay/Nova Zelândia: Association of New Zealand Leather Artisans, nº 136, Setembro 2010, págs. 8-11.

Caldas, Ana – A study of jewellery techniques and production in India: Poona. Miraj and Kolhapur (part 1). *Newsletter*. East Budleigh/Inglaterra: "The Tool and Trades History Society", nº 110, Autumn 2010, págs. 14 - 18.

Caldas, Ana – Joalharia Contemporânea – Manufacturas do al-Andalus. Ed. da autora, 2010.

Carlos, Isabel – Tendências de verão. "*Expresso*"/Revista. Lisboa, 27 de Julho 1991, págs. 44 - 45.

Cuero – Historia y versatilidad artística. *Ofício y Arte*. La Coruña: Associación de Artesanos de Espanã, nº 109, pág. 41, Abril-Maio 2010.

Guimarães, Maria João – I Care A Lot, joalharia de intervenção. *Pública*. Lisboa: 31 Outubro 2010, págs. 60-63.

Manufacturas do al-Andalus: catálogo da Exposição de Joalharia, Julho-Setembro 2007. Alfândega da Fé: Centro Cultural José Rodrigues/Câmara Municipal, 2007.